



# José Rodrigues Miguéis e José Saramago: a batalha por uma humanidade (des)provida de Deus

**PALAVRAS CHAVE:** José Rodrigues Miguéis, José Saramago, Deus/ausência de Deus, teologia negativa, humanidade.

**KEYWORDS:** José Rodrigues Miguéis, José Saramago, god/absence of god, negative theology, humanity.

Deus, uma palavra de quatro letras que significa, no sistema de línguas indo-europeias, seres superiores aos quais os homens prestam um culto. Querendo dizer, no sentido geral, “luz do dia, céu do dia”, *deivos* remete para uma religião cósmica onde o sol, a luz, as estrelas, etc. não fazem sentido estando isolados, pois é da sua combinação que vem a sua força, a sua potência. Não são, segundo Alain de Benoist, “o «valor supremo», [mas] a razão pela qual existe alguma coisa de valor” (2000: 8).

A Bíblia fala de “um ser supremo”, diferente dos deuses do espaço indo-europeu, de perfeição infinita, criador de tudo, e que leva o homem a querer ser à sua semelhança. Em suma, é o Deus criador que se confunde com o Ser.

Apesar da palavra “deus” indo-europeia não corresponder ao ser supremo do monoteísmo bíblico, ela passa, no entanto, para este último, com uma variação e um acréscimo: uma maiúscula, um feminino e um plural. Alain de Benoist considera que esta apropriação arbitrária gera confusão, pois “cria a ilusão de que todas as religiões têm um «Deus» e que só se diferenciam pela forma de o designar, encobrendo ao mesmo tempo que através da mesma palavra designamos realidades totalmente diferentes” (ibid.: 10).

Ligadas às religiões estão as crenças, e o cristianismo sempre nos fez acreditar que não se é crente se não se tiver fé num Deus salvador e na moral que é a sua fundamentação. Ora vejamos, segundo Alain de Benoist, o que aconteceu a Deus até aos dias de hoje:

A “história de Deus” no mundo ocidental resume-se facilmente. Primeiro, os deuses foram substituídos por Deus, ao fim de uma longa luta de influência de onde o cristianismo saiu oficialmente vencedor. Daí para a frente, o deus cristão perdeu progressivamente a sua credibilidade

e viu enfraquecer a sua influência. O Deus para o qual Nietzsche proclama “a morte” em 1886 não é senão este Deus moral, o Deus da metafísica ocidental. Mas a sua morte na consciência colectiva fez dessa consciência infeliz. O Deus “morto” continuou a insculpir oco deixando uma lacuna. Para satisfazer esta falta, a modernidade inventou uma série de substitutos profanos (o Povo, a Nação, a Pátria, a Classe, a Raça, o Progresso, a Revolução, etc.) que, todos sem excepção, se revelaram inaptos a servir de substitutos. As esperanças investidas na acção política (onde entrávamos “como uma religião”) só resultaram em desilusão, em desencorajamento e, às vezes, em horror. A morte da esperança revolucionária numa salvação terrestre constitui o acontecimento espiritual deste fim de século. O niilismo contemporâneo assina o revés destes esforços de substituição, sem que a antiga crença tenha voltado a ser possível. (Benoist, 2000: 18)

A ciência e a filosofia crítica vieram mudar o mundo, tornando-o vazio dos deuses que durante milénios o habitaram e do Deus monoteísta bíblico que se tornara o patamar do imaginário crente ocidental. Neste processo conflitivo, a ausência de provas da história das religiões reduziu a invisível ao inexistente e, conseqüentemente, ao irrelevante para aquilo que era o conhecimento da verdade. Ora, no ocidente, o facto é que a decomposição de uma doutrina cristã de conjunto deixou um vazio que a existência moral e intelectual ainda não conseguiu suplantar. A morte de Deus foi lenta, pois vários foram os que nela participaram desde fins do século XVIII: Pierre-Simon Laplace, Emanuel Kant, David F. Strauss, Ernst Renan, Karl Marx, antes mesmo de Friedrich Nietzsche, viraram as costas a Deus e prepararam a demolição do pensamento judaico-cristão ocidental.

A famosa frase de Nietzsche “Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro – para onde? Rumo ao nada? O lancinante sentimento de seu nada?”, escrita na *Genealogia da moral* (1998: 143-143), tornou-se emblemática, pois antecipou um período de catástrofes e de desordem que iria também levar à morte do homem. Stendhal disse um dia: “La seule excuse de Dieu, c’est qu’il n’existe pas” e Nietzsche, ao descobrir esta ideia, ficou enraivecido pelo facto de a não ter proferido antes do escritor francês. Nietzsche, ao anunciar a morte de Deus, do Deus de Moisés e de Jesus, desencadeia um duplo processo de “humanização do divino e de divinização do humano” (cf. Ferry, 1996), passando o homem, no ocidente, a estar no centro de tudo.

No princípio do século XX, o sofrimento e o desencanto do mundo fizeram crescer o ateísmo, o antidogmatismo e o anticristianismo que se faziam sentir desde o século XVIII e que se cimentavam desde o século XIX (cf. Baumer, 1990) e, em consequência, a arte moderna separava-se, também ela, da fé num Deus e deixava que as perguntas e respostas nelas colocadas manifestassem os desejos e os conflitos do homem na sua relação com a divindade. Feuerbach, o primeiro teórico a reflectir sobre o ateísmo, atribui um carácter desumano à ideia de Deus e desenvolve a sua teoria à volta do questionamento da representação da divindade e dos seus efeitos sobre o ser humano (cf. Feuerbach, 1982). Por sua vez, e desde o início do século XX, a Literatura procurava expressar, pelo meio da representação, a refle-

xão do humano sobre a herança cultural religiosa e a forma como ele vivia a religiosidade, ou a ausência dela.

Ora, os nossos dois escritores, de nome bíblico José, inventaram uma máquina do sonho, a ficção, para revelar os seus pensamentos e “fazê-los viver, acrescente[ntando assim] uma nova luz às estrelas, uma nova beleza ao mundo e um maior amor ao coração dos homens” (Pessoa, 1976: 19). Ou serão estes pensamentos de Pessoa? Os dois Josés quiseram, à semelhança do grande poeta, também eles acrescentar uma nova luz às estrelas para tornar a constelação mágica, uma nova beleza ao mundo para o aceitar, um maior amor ao coração dos homens para dele banir o horror.

Mas será que os homens, Saramago e Miguéis, assim desligados da religião e da igreja, vivendo na descrença e na negação da existência de Deus, foram capazes de ultrapassar a sede de absoluto, a nostalgia do Belo e do Bem? Será que conseguiram atingir o esquecimento de Deus?

Pensamos que, pela escrita, os dois traçam uma verdade voltada para o homem, enquanto ser individual com uma função na sociedade e no mundo. A descrença dos autores deve-se essencialmente ao sofrimento, ao absurdo que é o mal, à força que tem o Deus cristão.

José Rodrigues Miguéis, por via de um romance, *O Milagre segundo Salomé*, pretende negar a existência de Deus e qualquer metafísica a ele ligada, mas parece agir em contrassenso, dando às suas personagens nomes bíblicos: Salomé – a mulher malvada, perversa, que usa do dom da sedução e do erotismo – e Gabriel Arcanjo – querendo dizer “homem de Deus”, que é o Arcanjo da Esperança, aquele a quem foi confiada a missão de anunciar a encarnação do Filho de Deus. Ora, antes do pecado, Salomé tem o nome de um dos plúrices títulos pelos quais a Igreja Católica venera a Virgem Maria: Maria das Dores. Não satisfeito, o escritor une espiritual e carnalmente a Gabriel Arcanjo aquela que, outrora, fora Maria das Dores e que se tornara Salomé. Dessa união nascerá um filho.

Podemos, pois, considerar que estamos perante uma afirmação da Teologia negativa, sendo que, segundo François Nault em *Une Théologie en déconstructions*, esta teologia “s’enracine dans une «conscience» vive de l’altérité radicale de Dieu. (...) C’est par le biais de cette stratégie que la théologie négative s’inscrit dans le registre langagier et écarte la tentation du silence. (...) La théologie négative risque donc un discours sur Dieu, un discours double en ce qu’il nie systématiquement ce qu’il affirme. (...) Ainsi, pour Claude Bruaire, la vérité de la théologie négative est l’athéisme” (2004: 111-112).

Não satisfeito, Miguéis continua a blasfemar: faz do Arcanjo Gabriel um cronista republicano, um idealista incorruptível, um anticlerical convicto que põe o amor à frente de qualquer outra virtude religiosa, tal como a fé:

– Foste tu que fizeste o Milagre... Os pastorinhos viram em ti a Virgem mãe de Deus, a encarnação da pureza, da virtude e do amor, e adoram-te, Viram-te como eras – e és – através do luxo Zambujeira e de tanta miséria: boa, virgem, maternal! (A esta palavra Salomé ergueu a

cabeça, surpreendida.) Tu és o autêntico e único milagre. Deste-lhe a realidade física – e não “metafísica”, como queria o filósofo-deputado! Enquanto os outros tiraram dele a riqueza e o poder, tu colheste nele a redenção pelo amor... o nosso amor! Haverá maior milagre? (Miguéis, 1974b, vol. II: 341)

A fé é reinventada, Deus é adivinhado, investido da dimensão humana, por isso, o Milagre não é mais de Deus, mas de um Ser. Com efeito, Miguéis forja o Milagre do amor, mas antes já tinha deixado cair por terra aquele que era o Milagre de Fátima, colocando Salomé, a pecadora, numa dimensão mística, próxima da imagem que corresponde à da Aparição da Senhora, na Cova da Iria, em 1917. A aparição de Salomé aos pastorinhos é ocasional e é, segundo Gérald M. Moser (2001), uma “interpretação racional e plausível” da Aparição da Nossa Senhora em Fátima.

Mas vejamos como é que Gabriel Arcanjo relata, num dos entremezes criados para contextualizar a história, e que ele intitula de forma vicentina de “Auto da Aparição”, o encontro místico entre Salomé e as três crianças:

Caso é que – rezam solícitos correspondentes – a treze de Abril e sexta-feira, ao sol-pôr, estando pesados e plúmbeos os céus, três crianças cujos nomes são de uma “bíblica” simplicidade: Jaquina, Maria e Manel, andavam a apascentar umas ovelhas no cerro de Lapa d’Ursos, sobranceiro ao lugarejo de Meca, quando, um pouco acima delas, no alto das rochas e sob as ramarias dum velho sobreiro que ali vingou crescer e afrontar os séculos e os temporais, se aperceberam de um clarão sobrenatural. Erguendo os olhos, avistaram uma figura de radiosa beleza, na qual sem hesitar reconheceram a benta imagem da Senhora das Dores, padroeira da freguesia, ferrosamente adorada na região.

Tinha na frente a coroa cravejada de jóias, delas tão conhecida; o manto azul flutuava de manso na brisa do entardecer, e a túnica tinha a alvura das pombas da Aleluia. As névoas do ar, em torno dela, eram como arminhos leves ou revoadas de querubins; e toda ela irradiava auréolas. Ficaram a contemplá-la, medusadas de assombro. E logo – diz a Jaquina, pelas outras confirmada – a inefável imagem lhes estendeu os braços e disse: “Filhos, vinde a mim e orai!” A tais palavras, que eram pura música celestial, os três pastorinhos, vencidos de pavor, deitaram encosta abaixo, em direcção à aldeia, chamando pelas gentes, que viessem ver a Aparecida! (Miguéis, 1974b, vol. II: 63)

A fronteira do possível está na capacidade do narrador em articular-se com o que os “solícitos correspondentes [rezaram]” e, neste caso, o relato faz logo supor a não aceitação do acontecimento. O homem ateu, anticlerical, mas antes de mais autónomo, que é Gabriel não pode crer no Milagre da Lapa d’Ursos, tal como Miguéis não acredita no Milagre da Cova da Iria. O cronista vai, pois, usar da ironia, do humor negro e do sarcasmo para refutar o Milagre. Tal como nos diz José Martins Garcia:

os entremezes são intervalos na acção maior do drama, e Gabriel constitui, no palco do imaginário para que o romance apela, uma personagem de interlúdio, um comentador que, uma vez baixada a cortina sobre as cenas espectaculares, humildemente viesse informar o público acerca das discrepâncias entre as diversas partes dramatizadas. (2001: 125)

Assim, e neste entremez, Gabriel Arcanjo põe a nu a consciência cívica do próprio escritor, invadindo o discurso de sarcasmo:

O lugarejo de Meca, concelho de Alforges, comarca de Montoleirão, e diocese de Cardanha, até'gora ignorado de cartógrafos e viajantes, e esquecido da graça divina e dos poderes públicos: sem água, sem estradas, sem escolas, sem esgotos – tornou-se famoso da noite para o dia. Acodem agora ali em peregrinação, de concelhos vizinhos e distantes, os são e os enfermos, os crentes e os curiosos. Meca está-se transformando em autêntico oásis de espiritualidade. (...) E como diz a cantiga, “ninguém lá vai que não chore/da raiz do coração!” “O cenário é vasto, descarnado, próprio para a exaltação da Fé” reza um Guia autorizado e neutro. (Miguéis, 1974b, vol. II: 66)

A crítica cáustica é mais uma forma de negação do Milagre e da fé, pois, segundo o relato de Gabriel Arcanjo, depreende-se que a ocorrência do Milagre havia sido, efetivamente, congeminado pelo poder político, económico e religioso:

O Milagre tornou-se o pão nosso de cada dia. A notícia, de boca em boca, depois levada pela Imprensa, correu o País, avolumou-se, deflagrou como incêndio no carrasco das almas ressequidas da heresia, impiedade e crise. O substrato místico do Povo aflorou numa erupção de lavas represadas. Já de si eram mistificadores os nomes de Meca e Lapa d’Ursos, um de fisionomia muçulmana, o outro sugestivo de batidas medievais ao plantigrado; e a data da Aparição, dia treze e sexta-feira, estranha e simbólica conjugação de mistérios! De simples incidente da fé local, o caso ergueu-se às proporções de evento epocal e nacional. O “Milagre de Meca”, diz-se, é o início duma era de ressurgimento religioso a opor-se à vaga de ateísmo, paganismo e materialismo desenfreado dos nossos tempos. (ibid.: 67)

E, por fim, o humor corrosivo do cronista suplanta a própria realidade:

Em poucos meses, dos três pastorinhos eleitos, a Virgem chamou à sua presença o Manel, fulminado pela meningite cerebrospinal ou a poliomielite: logo se vê que não nascera para este vale de lágrimas. A irmã, Maria, além de parvinha de nascença que era, emudeceu; e a Jaquina, única sobrevivente e escorreita, por intercessão de senhoras caridosas, titulares, recolheu ao Mosteiro de Moscoso, na Galiza, onde é voz corrente que a chamava precoce e funda vocação para o claustro e o celibato, ou seja, para esposa do Senhor: naquele estado de beatitude, o anjinho menstruou aos dez anos de idade! (ibid.: 69)

A “máscara translúcida” (cf. José Martins Garcia, 2001) de Miguéis, Gabriel, nega o Milagre e condena a crença e a fé no mesmo. Íntegro, interventivo, o cronista expõe a sua verdade – a da fé no homem – e compromete-se a fazê-lo perante uma sociedade manipulada pelas forças políticas, económicas e religiosas.

Assim, “só um homem do seu tempo, um analista político e social, um crítico da sociedade, um Republicano, ateu e anticlerical, inconformista, que só tem fé no homem, era capaz de compreender e de desvendar o Milagre segundo Salomé” (Pereira, 2011: 1303). A hipersensibilidade de Gabriel é, segundo José Martins Garcia (2001), o que o salva numa sociedade onde a mentira impera. Crente na vida, sonha num amanhã melhor, onde o milagre é o da própria existência humana. No entanto, não é enquanto cronista Republicano, ateu

e anticlerical que atinge o auge da sua existência, mas sim enquanto homem de sentimentos, que acredita no milagre da vida. Por isso, só Gabriel podia conhecer a verdade sobre o Milagre da Lapa d'Ursos. É, pois, da boca da própria Salomé que descobre que fora ela que, acidentalmente, dera origem ao Milagre de Meca:

Para melhor poder abarcar com a vista todo o teatro da sua infância, trepou a um dos enormes penedos forrados de líquenes e musgo, que a força monstruosa de um sismo pré-histórico ali amontoara Sobre o fundo escuro e em parte ao abrigo das ramarias do sobreiro, de pé e imóvel no cimo da Lapa, ficou a contemplar languidamente a paisagem agreste e saudosa. (...)

Do vale subia o silêncio cortado do tilintar de chocalhos, dos balidos das ovelhas, (...). A poucos metros da Lapa, sentadas entre os penedos dispersos pela encosta como a assinalar uma batalha de gigantes, três crianças tagarelavam. Eram duas meninas e um rapaz, zagalinhos descalços, guardando a pecúnia (...).

De repente fez-se um desses silêncios como os há nos dias estivais, (...). O sol baixou mais, quase a atingir o ocaso, ainda oculto atrás das nuvens agora magenta e púrpura; e nisto fulgurou numa surda explosão entre duas camadas de nimbo e estratos, tingindo de sangue e fogo os cimos dos montes. A cúpula de nuvens que forrava inteiramente o céu tomou pouco a pouco todas as cores do arco-íris, como o cenário dum mundo inventado. Aquele rasgão das nuvens orladas de lume, por onde o Sol dardejava um wagneriano fim de dia, era a boca de imensa caverna esbraseada, transbordante de ouro derretido. Salomé nunca vira nada assim, e sorriu de gratidão. (...)

No instante mesmo em que o astro rasou o horizonte das serras, (...) os três pastorinhos ergueram simultaneamente a vista para o cimo da Lapa, onde ela, de manto azul e coroadado de reflexos de lantejoulas, envolta no fulgor do poente e sobre o fundo bronze-dourado do sobreiro, era um vulto aéreo e cintilante. Soltaram um grito abafado, de espanto, terror, ou alegria, ou de tudo isso a um tempo, e esse grito de aves alarmadas arranco-a à contemplação. (...)

Os três meninos tinham-se posto em pé, de boca aberta e muda. O silêncio cingiu mais estreitamente o vale e os montes: um espanto sobrenatural, de expectativa, revelação e êxtase, imobilizou o céu, a terra, os animais e a gente, e o próprio sol pareceu deter-se, poisado na cumeeira distante. Salomé, percorrida de um arrepio astral, ouviu, distintamente ouviu, um ruflar de asas perpassar nos ares, roçar-lhe as faces, ao mesmo tempo que um sopro ardente subia da rocha e lhe envolvia o corpo inteiro.

O derradeiro lampejo do Sol meigo e esplendoroso banhou-a da cabeça aos pés: de novo a brisa abriu e soergueu num amplo voo a capa azul, por dento cor-de-rosa como concha de abrigo universal, e as longas pregas do vestido branco ondularam sem peso. Da boca dos pastorinhos saíram indistintas exclamações, o menino desbarreteou-se e caiu de joelhos, as companheiras imitaram-no. Muda e atônita, sem compreender nem ousar chamá-los, de leve inclinada para diante e de braços estendidos, toda amor e ternura, a amante do banqueiro gozou por alguns instantes a adoração dos pegureiros. Por cima dela, voejando em rápidas curvas como teorias e querubins, as andorinhas pipiavam nas últimas voltas antes de recolher. O Sol afundou-se quase de repente, deixando atrás de si, por toda a cúpula celeste, um rasto de ouro e violetas maceadas, e um silêncio de infinidade ou eternidade presentida. Uma das meninas, adivinhando porventura a invisível presença dos anjos pairando em oração, soltou um brado que ecoava o assombro e o terror do fundo das idades:

– Ave Maria, cheia de graça!

Desta vez, Salomé ouvira-a, bem, e julgou-se levitada da rocha num auge de tragédia e num bafo de lume. Alongou mais os braços e pôde enfim gritar, num soluço:

– Filhos! Filhos! Andai cá! Vinde a mim!... (...) A buzina do carro, à distância, soou repetidas vezes como a trombeta da ressurreição. Aquela voz, tomadas talvez de medo que o sentimento insuperável do desconhecido ou transcendente traz consigo, as crianças levantaram-se brusca-mente e abalaram ladeira abaixo, como láparos assustados, em direcção à aldeia (...).

A trovoada rugiu, mais próxima, e os relâmpagos fulguraram no tecto lívido das nuvens. Anoi-tercera por completo. Salomé perdeu os sentidos... (Miguéis, 1974b, vol. II: 333-340)

José Rodrigues Miguéis desmonta, desconstrói o Milagre do mundo ficcional e, con-sequentemente, o Milagre do mundo real, quando um dos apelos à crença da existência de Deus passa, precisamente, pelo milagre. O escritor acredita que ele não é possível, que o milagre tem de ser lido à luz de uma mundividência moderna, onde o mundo é um domínio autónomo e fechado, onde um acontecimento natural só pode ser explicado por meio de um outro acontecimento natural. O milagre, enquanto fenómeno sobrenatural e místico, pela violência que ele implica, dirige-se à parte menos humanizada do homem, pois é a confissão do declínio da sua própria inteligência; ora, é precisamente pela inteligência que Miguéis confere um grande grau de autonomia, uma identidade própria a Gabriel. Afasta-o pois, de imediato, da visão redutora que predomina no resto da sociedade e fá-lo encarar o Milagre como um acontecimento ocasional, desencadeado por um fenómeno natural.

À semelhança do *Milagre segundo Salomé*, no conto *Arroz do céu*, escrito em 1962, a alegoria religiosa presente no título é, também ela, portadora de teísmo, mas vejamos como, na narração do Milagre, a ironia acautela e garante o ateísmo:

E foi assim que aquela chuva benéfica, de arroz polido, carolino, de primeira, acabou por lhe dar a noção concreta de uma Providência. O arroz vinha do Céu, como a chuva, a neve, o sol e o raio. Deus, no Alto, pensava no limpa-vias, tão pobre e calado, e mandava-lhe aquele maná para encher a barriga aos filhos. Sem ele ter pedido nada. Guardou segredo – é mau contar os prodígios com que a graça divina nos favorece. Resignou-se a ser o objecto da vontade misericordiosa do Senhor. E começou a rezar-lhe fervorosamente, à noite, o que nunca fizera: ao lado da mulher. Arroz do Céu... (Miguéis, 1990: 71)

E, em forma de moral, surge uma frase – “O Céu do limpa-vias é a rua que os outros pisam” – que, pelo tom irónico, se transforma em imoral.

Miguéis escrevera em *É proibido apontar* que:

(...) o homem que propõe ao mundo, com o espectáculo de uma vulgar traição, o seu Deus mais humano e popular – paga com língua de palmo, numa figueira, a coragem de ter paraninfado a nascença da divindade! Judas apontou e pagou caro o seu gesto criador. O mundo continua povoado de símbolos e de contradições. (Miguéis, 1974a: 47)

Tal como Miguéis, Saramago prima por uma literatura que reflita a história, a realidade social e humana. Enquanto detentor da chama da verdade, o autor desvenda o homem ao outro homem, para que ele assuma a sua responsabilidade enquanto ser individual e social.

O escritor é frio, senão cruel, perante os homens que preferem estar de costas viradas para o mundo e usam a fé para viver no irracional. É essencial que se negue a Deus, pois ele também sempre negou o homem. Já Camus fizera dizer a uma sua personagem do *Etat de siège*: “Dieu nie le monde, moi je nie Dieu” (1962: 237). Em dezembro de 2008, Saramago fá-lo explicitamente numa entrevista a Vaguinaldo Marinheiro, secretário de Redação da Folha de São Paulo:

E Por que é que eu teria de mudar a concepção de Deus [após a doença]? Porque me salvou a vida supostamente? Quem me salvou foram os médicos e aquela senhora que está ali sentada! E Deus esqueceu-se de Santa Catarina? Não brinquemos com as duas coisas... Não quero ofender ninguém, claro está, mas simplesmente Deus não existe. Existe, ou melhor, existe na cabeça das pessoas, onde, por outro lado, também está o diabo, o mal e o bem. (...) Inventámos Deus porque precisávamos dele, precisávamos dele num certo momento, ou num certo tempo, tínhamos medo de morrer, acreditávamos que talvez houvesse uma segunda vida (...). Inventámos o paraíso, inventámos o inferno e também inventámos o purgatório (...) e inventámos essa coisa absolutamente diabólica que é o pecado. Quando a igreja inventou o pecado, inventou um instrumento de controle, não tanto das almas, porque à igreja não importa nada as almas, mas um controle dos corpos. Aquilo que perturba a igreja católica é o corpo. (...) Precisamos de Deus, mas precisamos de Deus para quê? Quer dizer, nunca o vimos, tudo aquilo que se diz que é dele, foi escrito por pessoas, a Bíblia levou 2000 anos a ser escrita, foi escrita ao longo de 2.000 anos, e a Bíblia não é um livro que se possa deixar nas mãos de um adolescente. Aquilo só tem maus conselhos, assassínios, incestos, aquilo é um desastre...<sup>1</sup>

No entanto, anos antes, em 1997, durante os diálogos que estabeleceu com Carlos Reis em Lanzarote, fora menos contundente e dissera:

(...) Dado que não sou crente, parece que me deveria ser completamente alheio esse Deus em cuja existência não creio. Simplesmente o que eu não posso ignorar nem esquecer não é presença de Deus, mas a presença dos intermediários: aqueles que se instituíram como intermediários de Deus condicionaram e continuam a condicionar em grande parte a nossa vida, o nosso modo de viver, o nosso próprio modo de pensar. Assim, a minha guerra, se vamos chamar-lhe assim, não é com Deus – que, aliás se existisse, eu não seria capaz de entender, nem creio que ninguém pudesse entender uma entidade como essa. Só que eu creio que sou de certo modo um espírito religioso, e não só no sentido etimológico. (Reis, 1998: 142)

Próximo, aqui, do *Mito de Sísifo* de Camus – para quem a vida deixou de ter sentido depois da conceção nietzschiana da morte de Deus – e do absurdo, a questão de Deus não deixa Saramago indiferente. Tal como o escritor francês, acredita na não existência de Deus e opta por esse caminho; no entanto o que o incomoda

<sup>1</sup> Esta entrevista foi consultada na página Folha.com, cujo endereço é: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/753130-relembra-a-participacao-de-saramago-na-sabatina-da-folha.shtml> (consultado a 23/02/2011).

é que à sombra desse Deus, do [seu] ponto de vista inexistente, se tenha armado um poder que condicionou e condiciona ainda, apesar de todas as transformações, as nossas personalidades ao ponto de não nos podermos imaginar a nós próprios senão no quadro que o cristianismo traçou. E mesmo negando a existência de Deus, e mesmo insultando a Igreja, e chamando nomes ao papa, tudo se passa dentro desse campo em que nós nos encontramos” (ibid.: 143)

Ora, contextualizando um pouco mais, há que constatar que a entrevista que aqui citamos, e que data de 2007, foi escrita cerca de dois anos antes do seu romance polémico *Caim* e que os diálogos, que datam de 1997, seis anos depois da sua avassaladora narração da vida de Cristo, no *Evangelho segundo Jesus Cristo*.

Vejamus como o autor, satirizando com a figura bíblica que dera origem ao seu próprio nome, já toma partido a favor do homem, em detrimento do santo:

Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mester, porém sem talento para perfeições sempre que lhe encomendem obra de mais finura. (...) Contudo, não se devendo medir os méritos dos homens apenas pelo bitola das suas competências profissionais, convém dizer que, apesar da sua pouca idade, é este José do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres, e não tendo sido a sua fortuna tanta que o tivesse dotado Deus duma facúndia capaz de o distinguir dos mortais comuns, sabe discorrer com propriedade e comentar com acerto, mormente se vem a propósito introduzir no discurso alguma imagem ou metáfora relacionadas com o seu ofício, por exemplo, a carpintaria do universo. (Saramago, 1991: 30)

E ainda:

Ora, [a] este José de Arimateia (...) a generosidade não lhe servirá muito na hora das santificações, sequer das beatificações, pois não tem, a envolver-lhe a cabeça, mais do que o turbante com que sai à rua todos os dias, ao contrário desta mulher que aqui vemos em plano próximo, de cabelos soltos sobre o dorso curvo e dobrado, mas toucada com a glória suprema de uma auréola (...). (ibid: 14)

Tal como o seu amigo Miguéis, usa da ironia e do sarcasmo para negar a santidade e apresentar a sua leitura atesta da aventura humana. Com *O Evangelho*, os enlouquecidos por Deus, aqueles que se apoiam em dogmas para dizer a verdade absoluta e anhipotética são aniquilados pela força da desconstrução do mito, quer da Virgem Maria, quer de Jesus Cristo, quer ainda de Maria Madalena. As personagens são postas à maledicência do escritor e expostas ao veneno catatónico daquilo que é a essência do homem. Desprovidas da sua santidade pelo escritor, tornam-se insignificantes, isto é, humanas:

(...) Entrou na casa (...) Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica (...). Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, cria-

das uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria (...) (ibid.: 26-27)

*Caim*, por sua vez, é uma acusação contra o Deus todo-poderoso, que criou o homem para levar a condição deste último até ao limite. Saramago agride violentamente a imagem de Deus, conferindo-lhe sentimentos impróprios. O Deus, invejoso, injusto e mau de Saramago não gosta do homem e está sempre pronto a castigá-lo. Enquanto divindade, é caprichosa e arrogante e espera que os seus desejos sejam cegamente cumpridos. Mas Caim revolta-se contra esta divindade, desafia-a:

Cuidado, caim, falas de mais, o senhor está a ouvir-te e tarde ou cedo te castigará. O senhor não ouve, o senhor é surdo, por toda a parte se lhe levantam súplicas, são pobres, infelizes, desgraçados, todos a implorar o remédio que o mundo lhes negou, e o senhor vira-lhes as costas, começou por fazer uma aliança com os hebreus e agora fez um pacto com o diabo, para isso, não valia a pena haver Deus. (2009. 143)

A subversão é total e, contrariamente às personagens e ao narrador de Miguéis, estes têm prazer no jogo corrosivo da heresia. O escritor esfarela as figuras bíblicas para as reconstruir sob a forma da figura humana, com a sua debilidade física e psicológica, os seus vícios e os seus desejos. Jesus, por ser filho da carne, é também à semelhança do homem e, por isso, é passível de defeitos e fragilidades. A constelação mágica onde fora gerado e o ato sexual pelo qual fora concebido correspondem a vontades narratológicas diversas, que atuam sobre o Ser de papel como se fosse uma só. Jesus não é só filho de Deus, também é filho do homem.

Com *O Milagre segundo Salomé* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Miguéis e Saramago quiseram questionar o hipotético: “E se não foi exatamente isso que aconteceu?”, “O que é que pode ter ocorrido?”. Quiseram vestir o mito com uma roupagem nova e apresentá-lo, de novo, ao leitor. Essa atitude levou a que o primeiro, José Rodrigues Miguéis, não conseguisse publicar o seu livro em Portugal, o jugo da censura mantendo-o preso ao seu exílio, e a que o segundo, José Saramago, quase fosse excomungado. Para acabar, vejamos uma dessas violentes críticas e o que poderíamos usar para lhe atenuar a agressividade:

As guerras não trazem, nunca trouxeram benefício de espécie alguma, a ninguém, a não ser aos abutres.

(...)

Daí a minha incompreensão da necessidade de o senhor José Saramago vir declarar guerra aos sentimentos mais profundos dessa mole imensa que é a comunidade dos cristãos, passando-lhes atestados de doença grave, armado em médico, quando não passa de um ferreiro em cuja casa o espeto é de pau.

Não recebi procuração da Igreja, de Padres, Bispos ou do Papa para defender a honra do convento. Foi uma visão que tive (...) ao ler as entrevistas dadas ao *Jornal de Letras e Expresso*, pelo profeta lusitano.

(...) Ser-se crente não é obrigatório. Ser cristão, muito menos. Parece incompreensível esta cruzada lançada contra Deus num país católico, por um escritor comunista e ateu. Mas ele,

tal como Salman Rushdie, sabia que tratando um tema altamente sensível, as reacções não se fariam esperar e seriam a melhor publicidade. (Basto, 1993: 15-16)

Numa carta a José Rodrigues Miguéis, datada de 20 de março de 1966, José Saramago escreve, em tom de desabafo:

Querido Miguéis,

Um dia lhe contarei talvez o que têm sido, para mim, estes últimos meses. O menor dos meus males, afinal, ainda é a editora. O maior será provavelmente a imaginação... Mas que posso eu fazer contra esta doida? Discipliná-la? Quem dera. Mas ela pode mais do que eu. Um nada me deita a terra, um nada me levanta, e levo a vida neste cai-não-cai, à espera não sei de quê, de um sentido, de um norte – e nada, a não ser confusão, tenho diante de mim. E o tempo passa, foge, e tudo é miserável, mesquinho e anti-humano. Sou sibilino, bem vejo, mas um dia serei mais claro, se tiver paciência para me ouvir. A não ser que a consciência da insignificância essencial de tudo isto (dos meus problemas) acabe por se impor e tornar mínimo o que hoje assume proporções de catástrofe... (2010)

O desencanto do mundo resulta da distanciação para com Deus e do olhar inteligente que se tem sobre o mundo. A grandeza divina não se coaduna com a liberdade humana, sendo que a segunda elimina a primeira. Segundo o eixo racional de Miguéis e Saramago, Deus não soube o que fez, e continua sem saber o que faz – ao homem – é preciso, por isso, escrever “Livros de disparate”, onde o absurdo toma conta da alma da criatura como do seu criador.

Miguéis e Saramago sentem-se perseguidos na sua imaginação por um fantasma, o de Deus, que eles garantem não existir, que eles refutam até ao mais profundo do seu ser. Investem, por isso, num mundo às avessas, onde o profano se torna o guardião do sagrado, onde Deus não é mais do que a sombra de Satanás. Pela teologia negativa, os dois escritores redimensionam o diálogo entre Literatura e Religião, sendo a morte de Deus uma metamorfose da própria ideia de Deus. Na sua condição trágica e finita, o homem reinventa o humano para ocupar o lugar vazio deixado por Deus.

## Bibliografia

- BASTO, José Moura de (1993). *Deus é Grande e José Saramago o Seu Evangelista*. Lisboa: Edição de autor.
- BAUMER, Franklin L. (1990). *O pensamento europeu moderno*. Vol. 2. Lisboa: Edições 70.
- BENOIST, Alain de e al. (2000 [1999]). “Palavra de quatro letras”. In *Com ou sem Deus ?*. Lisboa: Hugin Editores, 7-23.
- CAMUS, Albert (1962). *L'État de Siège*. In *Théâtre, récits, nouvelles*. Paris: Gallimard.
- FERRY, Luc (1996). *L'Homme-Dieu ou le sens de la vie*. Paris: Grasset.
- FEUERBACH, L. (1982). *L'Essence du christiannisme*. Paris: Maspero.
- Folha.com.http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/753130-relembre-a-participacao-de-saramago-na-sabatina-da-folha.shtml (consultado a 23/02/2011).
- GARCIA, José Martins (2001). “Gabriel: A máscara translúcida de Miguéis”. In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Estampa, 109-128.
- MIGUÉIS, José Rodrigues (1974a). *É proibido apontar*. Lisboa: Estúdios Cor.

- (1974b). *O Milagre segundo Salomé*. Vol. I. Lisboa: Estúdios Cor.
- (1974b). *O Milagre segundo Salomé*. Vol. II. Lisboa: Estúdios Cor.
- (1990 [1962]). *Gente de terceira classe*. Lisboa: Estampa.
- MIGUÉIS, José Rodrigues/SARAMAGO, José (2010). *Correspondência 1959-1971*. Lisboa: Caminho.
- MOSER, Gérald M. (2001). “Miguéis – testemunha e viajante”. In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Estampa, 217-228.
- NAULT, François (2004). *Une Théologie en déconstructions*. Paris: Cerf/Montréal: Médiaspaul.
- NIETZSCHE, Friedrich (1998). *A genealogia da moral*. São Paulo: Cia. das Letras.
- PEREIRA, Maria Eugénia (2011). “*O Milagre segundo Salomé*: duas visões poéticas, uma mesma realidade?”. *Avanca | Cinema 2011*. Atas de AVANCA 2011 - 15º Encontros Internacionais de Cinema, Televisão Vídeo e Multimédia, Avanca, 20 a 24 de Julho 2011, 1299-1308.
- PESSOA, Fernando (1976). *Alguma prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- REIS, Carlos (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1991). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho.
- (2009). *Caim*. Lisboa: Caminho.
- TORGAL, Luís Filipe (2002) – *As “Aparições de Fátima” - Imagens e Representações (1917-1939)*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais.

.....

## RESUMO

Apesar de possuírem um nome com uma forte carga simbólica e religiosa, José Rodrigues Miguéis e José Saramago aguçam o senso da transcendência ao revelar a vulnerabilidade da relação entre a razão, o sentimento e a fé. Provocadores, exploram temas paradoxais, polémicos e místicos, tornando as suas obras num confronto, num campo onde, pela força das palavras, se trava uma batalha entre crença e descrença, entre elogio e acusação. Pela liberdade da imaginação, trilham um caminho numa humanidade que se quer (des)provida de Deus.

## ABSTRACT

Despite bearing a name with a strong symbolic and religious meaning, José Rodrigues Miguéis and José Saramago hone the sense of transcendence as they reveal the vulnerability of the relationship between reason, feeling and faith. They are provocative; exploring paradoxical, controversial and mystical themes, making their works into confrontation in a field where, through the force of words, a battle rages between belief and disbelief, between praise and blame. In the name of freedom of imagination, they tread a path in a humanity that wants to be (dis) possessed by God.

.....